

Fundamentos da notícia: análise da seleção, ordenação e nomeação propostas por Nilson Lage

Lia Seixas
Eder Luis Santana

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de discutir e reposicionar os três elementos identificados por Nilson Lage, em seu clássico livro *Estrutura da notícia*, como fases do processo de produção da notícia: seleção, ordenação e nomeação. É confrontada a ideia de “fases” apresentada pelo autor a partir da apresentação de processos teóricos que possibilitam pensar esses três elementos como fundamentos da produção da notícia, e não apenas fases. A atualização dessa perspectiva exige, ao mesmo tempo, pensar o jornalismo na lógica pós-industrial (ANDERSON *et al.*, 2013) e retomar estudos basilares que apresentam noções como *lead*, hierarquização e os modelos propostos de pirâmide invertida, deitada e *news diamond* (CANAVILHAS, 2006; BRADSHAW, 2007). Por fim, é apresentada a importância de Nilson Lage como autor que contribuiu para o campo ao trazer as noções de seleção, ordenação e nomeação para o centro do debate no campo jornalístico.

Palavras-chave: Nomeação. Seleção. Ordenação.

Fundamentals of the news: analysis from the selection, ordering and naming phases proposed by Nilson Lage

Abstract:

This article aims to discuss and reposition the three elements identified by Nilson Lage in his classic book, *Estrutura da notícia*, as phases of the news production process: selection, ordering and naming. The idea of “phases” presented by the author is confronted from the presentation of theoretical processes that make it possible to think of these three elements not only as phases, but as foundations of news production. Updating this perspective requires, at the same time, thinking about journalism in the post-industrial logic (ANDERSON *et al.*, 2013) and resuming foundational studies that present notions such as the lead, hierarchy and the proposed models of inverted and lying pyramid, and the “news diamond” (CANAVILHAS, 2006; BRADSHAW, 2007). Finally, Nilson Lage is presented as an important author who contributed to the field by bringing the notions of selection, ordering and naming to the center of the debate in the journalistic field.

Keywords: Naming. Selection. Ordination.

Recebido em: 22.03.22

Aprovado em: 07.05.22

Lia Seixas

Doutora em Comunicação Social, professora adjunta de jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisadora do Programa em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PosCOM UFBA).

E-mail: liaseixas@gmail.com

Eder Luis Santana

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (PósCom/UFBA). Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PósCultura/UFBA). Formado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, no Centro Universitário da Bahia (FIB).

E-mail: eder.santana@gmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia
v.19, n.1, jan./jun. 2022.
ISSNe 1984-6924

A obra de Nilson Lage se consolidou na formação universitária em jornalismo do Brasil. Pelo menos três dos seus seis livros (*Estrutura da notícia*, *Teoria e técnica do texto jornalístico*, *Ideologia e técnica da notícia*) são adotados frequentemente. Nilson Lage, doutor em Linguística, é reconhecidamente um pesquisador jornalista dedicado à compreensão do fazer jornalístico, principalmente quanto à estrutura de suas produções textuais, mas tendo sempre em conta seu lugar de produção industrial. Seus livros surgiram, primordialmente, do seu trabalho de professor.

Pode-se dizer que, nas últimas três décadas, a obra de Nilson Lage tem especial participação no ensino da escrita da notícia. Seus escritos esmiúçam a lógica do texto da notícia, que deve ser produzido a partir do “encadeamento de sequências” ordenados pelo jornalista não por uma sequência temporal baseada na realidade, mas sim, por um processo de produção da notícia que envolve três fases: (1) seleção dos eventos, (2) ordenação dos eventos e (3) nomeação (LAGE, 2002).

As ‘fases de produção da notícia’ de Nilson Lage não são, no entanto, apenas fases. Ocorrem em todo o processo produtivo sem que se possa dizer que uma destas vem antes ou depois. Nomeação, seleção e ordenação constituem fundamentos da produção da notícia e, até mesmo, do jornalismo. Esta é a defesa deste artigo, inclusive dentro do jornalismo atual como parte do ecossistema digital, no qual uma organização jornalística passa a coexistir com diversas organizações e não-organizações de diversos modelos de negócio existentes por razões democráticas, mais do que econômicas (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Autores nomeiam este momento como jornalismo pós-industrial, no qual os jornalistas desenvolvem novas habilidades, sintetizadas na capacidade de reconhecimento de novas evidências jornalísticas a partir de uma infinidade de fontes com relação, inclusive, mais horizontal.

Importante destacar que este artigo se inscreve como resultante dos trabalhos em oficina de escrita em uma universidade pública da Bahia ao longo de 10 anos, além de ter como base as pesquisas de uma tese de doutorado que, por meio de análise diacrônica de conteúdo, mostrou como a comunidade LGBTQIA+ foi nomeada nos jornais no período de 1969 a 2019. Nesta tese, é defendida a nomeação como fundamento do jornalismo.

O artigo começa com a noção de notícia, conseqüentemente pirâmide invertida e *lead*. Segue para nomeação como fundamento e, em seguida, seleção e ordenação são explicadas com estudos de valores-notícia. Todos os três elementos são compreendidos como fundamentais no processo produtivo da notícia, seja qual for o produto jornalístico ou o arranjo jornalístico (FIGARO, 2018).

Noção de notícia

A noção de notícia pode ser compreendida pelo menos de duas grandes maneiras: do ponto de vista da estrutura, como fez Nilson Lage, como os estudos da narrativa (MEDINA, 2003; SODRÉ, 2009) e de gênero jornalístico (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2013; SEIXAS, 2009); e do ponto de vista da prática jornalística (VIZEU, 2000; MEDINA, 1988; MORETZSOHN, 2009; MAROCCO, 2012). A separação didática não invalida a constituição dialética destas dimensões. A lógica produtiva de conhecimento da realidade formada de eventos que irrompem e não permitem planejamento, também chamados de *hard news*, influencia fortemente a construção discursiva desse formato, portanto sua estrutura.

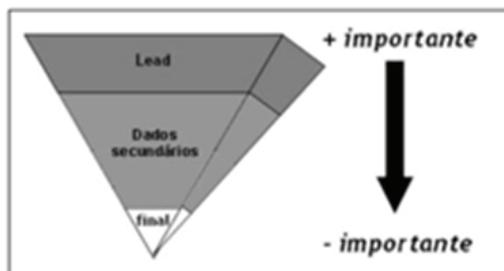
Ao definir notícia do ponto de vista estrutural, Lage ofereceu sua síntese, largamente adotada nos cursos de jornalismo das universidades brasileiras:

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define no jornalismo moderno, como *o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante e interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante e interessante*. Essa definição pode ser considerada por uma

série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los (LAGE, 2005, p. 16, grifo do autor).

A formulação ‘do mais importante para o menos importante’, originada nos Estados Unidos da década de 20, é repetida frequentemente por todos que estudam a notícia jornalística no Brasil. Intrínseca à definição de notícia, portanto, está a noção de pirâmide invertida.

Figura 1 – A clássica representação de pirâmide invertida



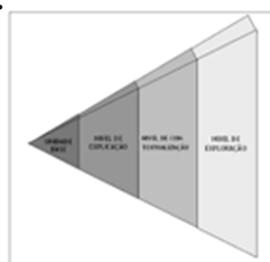
A pirâmide invertida é uma ordem estabelecida por causa do telégrafo e quem a utilizou pela primeira vez, se tornando o pai do *lead*, foi a *Associated Press* em 1920. Esta afirmação, recorrente nos cursos de jornalismo, tem motivo: tecnologia, comércio e momento contextual fazem parte dos componentes fundamentais para o estabelecimento da pirâmide invertida no jornalismo moderno (SCANLAN, 2003).

Sobre as razões para o nascimento da *inverted pyramid* não se pode dizer que há consenso, mas há consenso sobre o nascimento de uma lógica da relevância. Certamente que no jornalismo pós-industrial, com o surgimento das novas mídias e da sociedade líquida, a lógica da relevância foi questionada (BAUMAN, 2001). A notícia continuaria a seguir a lógica da relevância (GUERRA; FEITOZA, 2020) se agora formatada para um meio com tempo multicrônico, que permite atualização contínua, marcado pela memória e afeito à personalização, que permite seguir um caminho não mais determinado, como no impresso.

Cerca de uma década depois do nascimento do jornalismo digital no Brasil, nos anos de 2006 e 2007, a noção de pirâmide invertida começou a ser problematizada na tentativa de pensar a hierarquização, seleção e ordenação das informações em outro cenário, o da notícia na internet, e não mais impressa no papel. Entraram em discussão as noções de pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006) e de *news diamond* (BRADSHAW, 2007).

A noção de pirâmide deitada surge a partir da pesquisa que o professor João Canavilhas fez com estudantes da Beira Interior em Portugal (CANAVILHAS, 2006). O autor sugere que a pirâmide invertida deveria estar deitada porque o paradigma havia mudado, não mais se seguia a lógica da relevância, e sim, da quantidade de informação.

Figura 2 - Pirâmide Deitada (CANAVILHAS, 2006)



No webjornalismo, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise (CANAVILHAS, 2006, p. 13).

Ao constatar que 22 dos 39 estudantes haviam feito diferentes percursos de leitura, o pesquisador compreendeu que diferentes caminhos de leitura revelavam improdutividade de um caminho jornalístico pela relevância e, inversamente, produtividade na quantidade e variedade da informação. Do *push* à matéria relacionada há, sem dúvida, a lógica do aprofundamento, mesma fundamentação da noção *news diamond* de Bradshaw (2007).

Figura 3 – *The News Diamond* (BRADSHAW, 2007)



Depois da notificação do celular (efetivamente um título), lê-se a *webnotícia*, mais profunda, inserida em um ambiente que a permite potencialmente inacabada (BRADSHAW, 2007). Uma unidade composta de alguns *links* parece não ter borda, pois os nós da escrita hipertextual têm a potencialidade de conduzir a outro conteúdo com outros nós. Mas, embora o seguimento pareça infinito, o usuário tem a seu dispor uma quantidade finita de percursos na unidade de base da *webnotícia*.

Um alerta leva para uma composição discursiva (SEIXAS, 2009) com capacidade de conexão com outras composições discursivas. Entretanto, o fato de não estar acabada não significa que cada unidade dos diferentes níveis tenha independência e não significa também que os regimes do meio de comunicação digital tenham determinado uma mudança de lógica da estrutura da notícia (SEIXAS; TOURINHO; GUEDES, 2014).

Um ano após criar a noção de pirâmide deitada, Canavilhas escreveu:

A técnica da pirâmide invertida, embora apropriada para notícias de última hora, revela-se menos eficiente quando se trata de notícias mais elaboradas da web, uma vez que condiciona os leitores a rotinas de leitura semelhantes às da imprensa escrita (CANAVILHAS, 2007, tradução livre¹).

Acreditamos que por “notícias mais elaboradas”, o autor entende a *webnotícia* hipertextual. Ainda assim, dois pontos são passíveis de análise: 1) o evento-foco da notícia; e 2) os regimes da mídiasfera (DEBRAY, 1990). Tendo como pressuposto que a lógica da relevância e a lógica do aprofundamento convivem na web, podemos perguntar qual o tipo de evento é foco da notícia. A chamada ocorrência factual. A base seria um fato (GOMES, 1989) composto de ação no tempo e no espaço com resultado. Como explica Rich (2010):

¹Tradução Livre. Original:

The inverted pyramid technique, while appropriate for breaking news, proves less efficient when it comes to more elaborate web news, since it conditions readers to reading routines similar to those of the printed press.

A história básica de uma notícia é contada de cima para baixo. Normalmente é chamada de história de *hard-news*. Isso não significa que deva ser difícil de ler. Muito pelo contrário. Realmente deveria ser chamada história de *easy-news* porque os fatos são apresentados de uma forma direta que torna fácil para o leitor obter as informações mais importantes rapidamente. Uma história de *hard-news* apresenta o resultado de um evento noticioso e, portanto, os principais fatos estão nos primeiros parágrafos... (RICH, 2010, p. 36).

Apresentar o resultado de um evento noticioso é expor o evento-foco, compreendido como evento principal. Nessa reflexão, uma pergunta crucial: quem diz qual é o evento-foco?

A resposta para essa pergunta está na produção diária de notícias, quando jornalistas tomam decisões a partir das suas vivências, das rotinas produtivas e das relações estabelecidas com fontes e com a própria organização na qual trabalham. Trata-se do conhecimento intersubjetivo, o saber social (ISER, 1996). Há, portanto, a construção da notícia pelo sujeito-jornalista, mas uma construção baseada neste saber compartilhado, na comunidade de sentidos (GOMES, 1993; 2009).

Os atos perceptivos singulares, na verdade, refazem percursos já instituídos por uma comunidade de sentido, experimentando as suas classificações, pertinentizações etc. como se fossem coisas naturais, como de fato o são, porque esta é a única natureza com que temos a ver. [...] O conhecimento atual é, portanto, sempre limitado a um contexto instituído de sentido que se caracteriza pela sua validade intersubjetiva que supera qualquer acordo voluntário, sendo na prática indiferente ao conhecimento pontual. [...] Apenas sobre esta instituição de validade é que é possível estabelecer-se qualquer acordo universal sobre os significados e sobre a interpretação do mundo (GOMES, 2009, p. 59).

Um dos saberes compartilhados no campo jornalístico (BOURDIEU, 1996), o qual integra desde as marcas tradicionais aos diversos arranjos jornalísticos (FIGARO, 2018), é o reconhecimento do evento principal da notícia. O *lead* serve de orientação. São 5W (*what, who, when, where, how, why*), com origem na sistematização de Laswell em 1948, que auxiliam a expor o evento principal, tendo em vista a ordenação hierárquica.

Em português, teremos: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Se o evento-foco é um fato, portanto ação com tempo e espaço determinados, o resultado da ação (o quê?) produzida por alguém (quem?), em algum lugar (onde?) em algum momento (quando?) de alguma maneira (como?) por algum motivo (por quê?) traz embutidas estas questões. Certamente, estas questões não respondem ao jornalista qual a notícia, mas é uma orientação seguida e sugerida, seja com espaço-tempo determinado do impresso, seja com espaço-tempo implodidos da mídia digital, o chamado multicrônico (BARDOEL; DEUZE, 2001).

A mídiasfera estimula o aprofundamento e a quantidade, mas o jornalismo exige ordenação por importância. Entretanto, ao mesmo tempo em que a tecnologia digital permite aprofundar, os tamanhos dos dispositivos mais utilizados para o acesso a notícias limitam pela extensão da tela. O limite vem ainda pela quantidade de caracteres permitida no *Twitter* (até 280 caracteres), telas de celular com média de cinco polegadas (menos de 13 centímetros), pelos minutos do audiovisual no *Instagram* ou no *TikTok*, pela necessária quebra de parágrafos com o 'continue lendo' no site da *webnotícia*.

Portanto, a despeito da potência de aprofundamento infinito das mídias digitais, existe a cultura que encarna o dispositivo numa dada sociedade (MCLUHAN, 1969; DEBRAY, 1991). A aceleração da experiência social alimenta a necessidade de ordenação por importância (ROSA, 2003). Tempo e espaço implodidos na era digital guardam o mesmo motivo da possível falta de tempo na era analógica do telégrafo. O receio de não conseguir passar a informação mais importante se transformou no receio de que a informação mais importante não seja acessada.

Seguiremos um percurso didático, analisando primeiro a nomeação e, em seguida, seleção e ordenação, tendo como base a tradição dos estudos de jornalismo no Brasil. Não sugerimos um tipo de relação entre as três, mas defendemos que são fundamentos do fazer-jornalístico, por isso presentes na prática do jornalismo moderno e, mais ainda, do pós-industrial, cujo tempo e espaço são exíguos com a velocidade da informação (ROSA, 2003) e miniaturização (SERRES, 2013) das telas.

Nomeação como fundamento

Lage pode ser considerado o pesquisador que se dedicou por mais tempo às reflexões acerca da importância da nomeação no jornalismo. Em cinco dos seus seis livros existe alguma abordagem ligada à temática: *Ideologia e técnica da notícia* (1979); *Estrutura da notícia* (1987); *Linguagem jornalística* (1987); *Controle da opinião pública* (1998); *Teoria e técnica do texto jornalístico* (2005).

Desde o final da década de 1970, seus escritos mencionam a nomeação como operação crucial à produção da notícia. Em *Estrutura da notícia*, insere a nomeação como uma das fases do processo de produção da notícia ao discorrer sobre a “gramática da notícia”.

Há compromissos e sutilezas nos nomes que se atribuem às coisas. Corpo seria pouco específico no contexto; defunto retiraria um tanto da dramaticidade que o cidadão atônito pretende transmitir; presunto o desqualificaria socialmente, na ótica do interlocutor. (LAGE, 2002, p. 21-22).

Em outro livro lançado no mesmo ano, *Linguagem jornalística*, Lage (2002) pondera que o texto jornalístico é referencial na essência, ou seja, se refere a algo do mundo e destina-se a determinado receptor que, no geral, estará distante desse algo. Com base nessa premissa, nomes tornam as referências mais precisas na apuração das notícias em busca do que ele considera “efeito de realidade”, exatidão verificada quando jornalistas revelam outras nuances dos fatos, como placas de carro, horário de crimes, dentre outros dados.

Estrutura da notícia e Linguagem jornalística foram projetados para atender demandas de estudantes de jornalismo em fase inicial do curso. No entanto, em uma obra anterior, *Ideologia e técnica da notícia*, publicada em 1979 e que deriva de sua dissertação de mestrado defendida três anos antes na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Lage já argumentava que a notícia é estruturada a partir da nomeação, ordenação e seleção.

Ao discorrer sobre a linguagem das notícias, ele ponderou acerca da existência de dois conjuntos de itens lexicais e formas gramaticais: o registro formal da linguagem e o registro coloquial de linguagem. O primeiro é arquitetado pelas palavras e usos gramaticais legitimados pela formalidade do uso na escrita, por um estilo solene de aplicação da linguagem. O registro coloquial, em contrapartida, está próximo da oralidade, da expressão dos sujeitos e suas peculiaridades regionais.

A notícia opera no ponto de intersecção entre o cerimonioso e o espontâneo, levando a linguagem jornalística a ser passível de incorporação de expressões coloquiais sem perder de vista determinados padrões de formalidade, ou como explica o autor: “a linguagem do jornalismo é aquela possível no ambiente solene e também na situação coloquial” (LAGE, 2001, p. 47).

Na condição interseccional da linguagem jornalística, Lage (2001) diz ser difícil existir nomeação neutra na notícia. A escolha lexical envolve lidar com palavras de uso compartilhado socialmente e que, ao mesmo tempo, carregam implicações a partir do que representam em determinados contextos. Assim que determinada palavra nomeia o referente da notícia, trocas ideológicas são acionadas e produzem um volume de implicações e conotações de difícil mensuração na audiência.

Povo, público e população; ditador, líder e governante; capangas (de um gangster), guarda-costas (de um político) e responsáveis pela segurança (de uma autoridade); burocrata, servidor público – são séries que indicam a responsabilidade implícita na escolha. Um soldado irregular será mercenário, guerrilheiro, terrorista ou combatente. (LAGE, 2001, p. 48).

Lage (2001) alertou que a escolha lexical feita pelo jornalista é capaz de transmitir determinados sentidos e, no âmbito político, exerce influência em relação aos grupos sociais em disputa e que fazem da linguagem um campo de batalha. Esses tensionamentos sociais são promotores, inclusive, do que ele classifica como “indústria das interdições linguísticas”, processo evidenciador de como determinadas palavras tornam-se ameaças a quem decide colocá-las na comunicação.

Sua obra seguinte, *Controle da opinião pública*, é a mais robusta na tentativa de apresentar aspectos da linguagem a partir de arcabouço teórico ancorado na história, filosofia e linguística. Se nas obras anteriores ele parecia interessado em contribuir com as teorias do jornalismo, nessa, a nomeação é efetivamente inserida como fenômeno da linguagem que reverbera na comunicação de modo mais amplo.

Dar nomes é a primeira e mais visível etapa da atribuição de sentido ao que se diz: em muitos contextos, não há diferença objetiva entre indivíduos *perdulários* e *generosos*, *econômicos* e *avaros* ou *pão-duros*; entre *senhoras* e *velhas*; entre *carro antigo* e *calhambeque*; entre *prestativo* e *puxa-saco*. Nada, objetivamente, distingue *ação estratégica de surpresa* e *agressão covarde* (pensem no ataque da esquadra japonesa a Pearl Harbour); *operação militar decisiva*, de *alta competência tecnológica* e *assassinato radioativo em massa* (as bombas de Hiroxima e Nagazaki). (LAGE, 1998, p. 55, grifos do autor).

Lage (1998) defende que novas nomeações são, efetivamente, eficazes quando a relação objetiva com algum referente mudou a partir das relações negativas estabelecidas anteriormente, como é o caso da lepra. Durante séculos, a doença matou ou mutilou pessoas e, de modo natural, o nome foi associado ao temor originário. O novo nome dado à doença, hanseníase, além de não evocar a mesma sensação de pânico, colabora no enfrentamento da enfermidade e reduz estigmas negativos. Em contrapartida, o autor sugere que se o item nomeado mantém sua imagem relacionada a algo negativo, novos nomes não surtem os mesmos efeitos.

É com base nesse tensionamento movido pela linguagem que Lage (1998) busca responder a questão: o que é um nome e a que fragmento de realidade se reporta? No âmbito semântico, ele define o nome próprio ou individual como a designação específica de algo, é o modo único de representar esse ser no mundo. Estão nos nomes genéricos o fenômeno que Lage identifica como “processo de abstração”, responsáveis por representar qualidade, estado ou ação do nomeado.

Em 2005, Nilson Lage publica *Teoria e técnica do texto jornalístico*, livro no qual insere a nomeação no contexto teórico da objetividade. Primeiro, admite que a objetividade é passível de múltiplas interpretações a partir da linguagem comum, das ciências da natureza ou da filosofia. Em seguida, pondera que, no campo jornalístico, a objetividade é associada à neutralidade, algo inalcançável por conta das especificidades da produção jornalística na elaboração da notícia (LAGE, 2005).

Nomes possuem duas funções: designam algo e fazem implicações ligadas às conotações e sugestões de sentido. São versões prontas e sistemáticas de determinada realidade (LAGE, 2005).

Do ponto de vista da comunicação, *carro* é, na maioria dos contextos, melhor do que *viatura* (de polícia) ou *veículo* (militar, na engenharia de tráfego); *geladeira* é preferível a *refrigerador*, *negar* a *denegar* (um mandado judicial), *barriga* a *abdome*, *casa* a *residência*, *perto* a *próximo* etc.: as primeiras palavras de cada um desses pares são mais comuns

e, portanto, exigindo menos esforço de decodificação, têm entendimento mais imediato. (LAGE, 2005, p. 51, grifos do autor)

Lage (2005) insere a nomeação como processo que envolve a escolha lexicográfica do jornalista. Passa, em certa medida, pela lógica do *gatekeeper* na dinâmica de seleção de nomes, qualificação e atribuição de causas aos eventos. Se jornalistas, como afirma o autor, são os operários das palavras, as escolhas feitas na produção textual refletem o modo como serão vistos como profissionais. Nomeações equivocadas ou dúbias podem ser o estopim para críticas e deprecições dos seus escritos. Na produção da notícia, jornalistas têm, em maior ou menor dimensão, a noção de que o trabalho é passível de críticas e análises por conta das palavras utilizadas.

Se a nomeação é um fenômeno da linguagem atravessador das interações sociais, a prática jornalística da nomeação acontece desde a pauta até a edição do conteúdo. Ao reportar, o jornalista busca a exatidão dos nomes e utiliza possibilidades léxicas de fácil compreensão. Através da linguagem são travados embates sociais. O compartilhamento coletivo do significado das palavras, historicamente construído, é consensuado coletivamente. Esse processo está inserido na complexidade do jornalismo como forma de conhecimento, haja vista que a notícia só existe por meio da linguagem, logo, sua elaboração é centralizada em estratégias discursivas que precisam nomear para dar a conhecer sobre determinados objetos do discurso formadores do fato jornalístico (SANTANA, 2021).

Como forma de conhecimento, a notícia tem capacidade de dar a conhecer sobre fatos do presente (PARK, 1972). Como explica Meditsch (1992), os enunciados produzidos pelos jornais são inseridos no diálogo social criado sobre determinado fato jornalístico. Esse processo é gerado à medida que, ao noticiar determinado fato, cria-se uma proximidade não apenas com o fato em si, mas com os sujeitos envolvidos. Ao reportar determinados fatos a partir das singularidades (GENRO FILHO, 2012), o jornalista cria e recria conhecimento.

Assim, defendemos três noções básicas da prática jornalística da nomeação (SANTANA, 2021):

I – É por meio da prática jornalística da nomeação que determinadas presenças são elaboradas no discurso noticioso. Além disso, é por meio de palavras nomeadoras que objetos do discurso são classificados a partir de marcadores sociais inseridos estrategicamente para induzir determinadas interpretações. O texto do jornal utiliza a nomeação não apenas para elaborar um argumento, e sim, para inserir determinadas presenças em contextos sociais por meio das rotulações.

II – A prática jornalística da nomeação é responsável por estabilizar as relações entre os objetos do discurso nas notícias e as possibilidades de nomeação. A precisão esperada do discurso jornalístico pressupõe identificação de acontecimentos, atos e sujeitos. Logo, jornalistas não apenas escolhem determinado modo de referência como são influenciados por fatos sociais, culturais e cognitivos no momento em que decidem por determinadas nomeações em detrimento de outras. Esse fenômeno se impõe e é atravessador de todas as etapas da construção da notícia, da pauta à edição.

III – A prática jornalística da nomeação é verificada na necessidade de identificar objetos do discurso no fato jornalístico. Como forma de conhecimento, o jornalismo precisa nomear a fim de assegurar determinadas conexões entre os elementos integrantes de um fato (as coisas) e as palavras.

Sem seleção não há ordenação

As outras duas fases da produção de notícias, na perspectiva de Lage (2005), são a seleção e a ordenação, que acontecem quando o jornalista é confrontado com

um fato que precisa ser reportado no formato notícia. Se pensados como “fases”, então, há uma sequência na execução, como se o jornalista tivesse como regra, primeiro, selecionar o evento para, em seguida, ordená-lo.

Temos aí, na sua forma mais evidente, três fases do processo de produção de uma notícia: 1 - a seleção dos eventos. [...]; 2 - a ordenação dos eventos. O contato, a atenção do interlocutor, fixa-se a partir do evento mais importante ou interessante. [...]; 3 - a nomeação [...]. (LAGE, 2005, p. 21).

É compreensível a operação de composição do texto: selecionar, depois ordenar o que foi selecionado e encontrar as melhores palavras e maneiras de dizer algo. Porém, essas ações dominam a prática jornalística em vários momentos e etapas. Ordena-se o que se seleciona. O ato de ordenar engloba o ato de selecionar. Acontece que, ao selecionar, o jornalista também opta por omitir. Existe uma complexidade nessas ações que é atravessadora na produção da notícia, da pauta à edição.

Dentro dos estudos de jornalismo brasileiro, seleção diz respeito à escolha dos eventos. Escolha de eventos quer dizer valor-notícia. Os estudos de valor-notícia no Brasil dedicam-se aos valores substantivos (WOLF, 1985, 2001), ou seja, os valores intrínsecos aos eventos da realidade. No mundo, provavelmente pela influência do artigo seminal de Galtung e Ruge (1999), analisam-se os fatores, seja fator interno ou externo ao evento. Na mesma classificação de *news values* coloca-se poder de elite e agenda ou celebridade e *shareability* (HARCUP; O'NEILL, 2016) ou relevância e audiovisual (SEIXAS, 2018).

No Brasil, Gislene Silva retomou de Wolf a diferenciação entre os fatores intrínsecos, que chama de atributos, e extrínsecos, critérios de noticiabilidade. Os atributos seriam reconhecidos pelos jornalistas a partir do saber compartilhado e os critérios de noticiabilidade seriam os constrangimentos da organização, desde disponibilidade de material à concorrência.

Em síntese, toda vez que se estuda seleção no Brasil, se estuda seleção de evento, portanto, os fatores intrínsecos, também chamados de atributos ou valores substantivos. As análises são, geralmente, operacionalizadas a partir das propostas de dois autores, Silva (2005, 2014)² e Wolf (2001), embora nos cursos de graduação se trabalhe fortemente com Traquina (2005). O curioso é que foi a partir do trabalho de Wolf que Silva reafirma a separação entre intrínsecos e extrínsecos e que Traquina sistematiza ‘critérios de construção’ (tratamento do discurso jornalístico):

Um ponto fulcral em relação à problemática dos valores-notícia é a distinção entre os valores-notícias de seleção e os valores-notícia de construção, distinção que Galtung e Ruge, bem com outros acadêmicos como Ericson, Baranek e Chan, não fazem. Foi o acadêmico italiano Mauro Wolf que apontou que os valores-notícia estão presentes ao longo de todo processo de produção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e nos processos de elaboração da notícia, isto é, no processo de construção da notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 78).

Com o objetivo de observar se algum critério considerado de construção aparece também como critério substantivo, propomos uma comparação entre as classificações de Silva (2005, 2014) e Traquina (2005) com o quadro abaixo. Na lista de Silva, o que ela denomina micro-valores-notícia³, atributos que seguem os macro-valores-notícia (pré-requisitos): como atualidade (novidade), interesse, importância, imprevisibilidade. Na coluna de Traquina, os critérios substantivos (equivalentes aos micro-valores-notícia) e os critérios de construção. Os valores-notícia considerados valor de construção para Traquina estão sublinhados. Em negrito, os valores que também são considerados por Lage como aspecto da noticiabilidade.

²Como sugestão de uma tabela operacional que possibilite análises de acontecimentos noticiosos selecionados/selecionáveis por diferentes veículos da imprensa, a listagem é o resultado de uma avaliação de atributos apontados anteriormente por diferentes autores, considerando até mesmo aqueles citados por Peucer, como o que diz respeito às sucessões de um reino e formas de império e cerimônias públicas” (SILVA, 2005, 2014, p. 64).

³Os macro-valores-notícia seriam os valores antecedentes que permitiriam os micro-valores-notícias (os valores do quadro) existirem como tal: “[...] Um primeiro procedimento necessário, de acordo com o conceito de valores-notícia adotado aqui nesse texto, é separar atributos que funcionam mais como macro-valores-notícia ou pré-requisitos para qualquer seleção jornalística, já que sem tais valores antecedentes aos demais, os micro-valores-notícia, nem se efetuam como questão. Esse é o caso da atualidade (novidade), importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão” (SILVA, 2005, 2014, p. 63)

Figura 4 – Tabela elaborada pelo autor do artigo

Silva, 2005 (micro-valores-notícia)	Traquina, 2005 (substantivos de seleção e critérios de construção – palavras sublinhadas)
IMPACTO (número de pessoas envolvidas, afetadas e grandes quantias)	<u>AMPLIFICAÇÃO</u> (internas ou <u>consequências</u>)
PROEMINÊNCIA (notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite, sucesso/herói)	NOTORIEDADE
CONFLITO (guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação)	CONFLITO
TRAGÉDIA/DRAMA (catástrofe, acidente, risco de morte e morte, suspense, emoção e interesse humano)	MORTE <u>DRAMATIZAÇÃO</u>
PROXIMIDADE (geográfica e cultural)	PROXIMIDADE
RARIDADE (incomum, original, inusitado)	
SURPRESA (inesperado)	INESPERADO
GOVERNO (interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens, pronunciamentos)	
POLÊMICA (controvérsia, escândalo)	
JUSTIÇA (julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais, crimes)	<u>INFRAÇÃO</u> (ESCÂNDALO)
ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE (aventura, divertimento, esporte, comemoração)	
CONHECIMENTO/CULTURA (descobertas, invenções, pesquisas, progresso, atividades e valores culturais, religião)	
	RELEVÊNCIA e <u>RELEVÂNCIA</u> (sentido dado ao acontecimento)
	NOVIDADE (que Silva considera como macro-atributo dentro de atualidade)
	TEMPO (que Silva considera como macro-atributo atualidade)
	NOTABILIDADE
	<u>SIMPLIFICAÇÃO</u>
	<u>PERSONALIZAÇÃO</u>

Dos cinco valores de construção sugeridos por Traquina, dois são atributos para Silva: amplificação/impacto e dramatização/tragédia/drama. O aspecto in-

terno do evento observado por Silva é o mesmo aspecto destacado na construção discursiva para Traquina. Ele chama a atenção para a capacidade de dar notabilidade à notícia: seja pela “amplificação do ato, do interveniente ou das supostas consequências” (TRAQUINA, 2005, p. 91) ou pelo “reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual” (TRAQUINA, 2005, p. 92). Por isso, a sistematização de Traquina é comumente interpretada como a margem sensacionalista da construção discursiva.

Não deixa de ser, mas não se pode dizer que o tratamento, enquadramento (ENTMAN, 1993) sempre exagera a ponto de desfigurar o evento. Ou seja, o dimensionamento dos eventos por quantidade de pessoas, espaço, dinheiro ou outro aspecto considerado ampliado para a comunidade de sentido pode ser, ao mesmo tempo, atributo e destaque na construção. Com isso se quer dizer que todos os valores substantivos podem, em princípio, servir de aspecto a se destacar na composição discursiva (SEIXAS, 2009).

Um exemplo simples e recorrente é a proximidade. Neste momento da guerra na Ucrânia, poderíamos citar inúmeras notícias que destacam os brasileiros residentes ou as consequências econômicas da guerra para o Brasil. Ao selecionar pela proximidade, rascunha-se a ordenação a seguir na construção discursiva da notícia. Proximidade inclusive é um dos cinco “itens consideráveis” por Lage (1997) na avaliação do que é notícia.

Lage coloca proximidade, atualidade, intensidade, ineditismo, oportunidade na esfera das constatações empíricas, mas destaca a influência segundo interesse de classe ou grupo. Embora Lage não cite o artigo seminal sobre valor notícia, ele chama a atenção para o caráter híbrido – psicológico, ideológico, empírico e científico – dos critérios de avaliação de importância e interesse:

A técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com este fim critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico. As transformações da sociedade são detectadas ao nível de tendências para cuja satisfação se produzem bens simbólicos de novo aspecto; os estudos de mercado informam com frequência sobre a penetração da ideologia no público e viabilizam uma penetração ainda maior. (LAGE, 1982, p. 66).

Não há dúvida de que a personalização, hoje automatizada (analisada a partir da potencialidade técnica da mídia digital), se constitui não só em critério de distribuição, mas de construção da notícia. Não parece, portanto, convincente também que o ineditismo (nas palavras de Lage) ou a raridade, o incomum, o original (nas palavras de Silva) podem encabeçar a estrutura discursiva de uma notícia? A frase “o primeiro homem a pisar na lua”, precisa de “primeiro” para marcar o ineditismo.

É disso que Nilson Lage trata: da estrutura da notícia. Ele diz encarar a notícia como algo que se constitui de: a) “uma organização relativamente estável, ou componente lógico”; e b) “elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia – o componente ideológico” (LAGE, 1979, p. 37). Sobre o *lead*, pontua que...

O *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. Em sua forma clássica, e impressa, é uma proposição completa no sentido aristotélico; ou seja, contém: a) o sujeito, um sintagma nominal [...]; b) o predicado, [...]; c) as circunstâncias [...] (LAGE, 2005, p. 22).

Depois de falar das fases e discutir a partir do esquema de Lasswell (1948) e das funções de Jakobson (1991), Lage apresenta o que seria uma regra para o que chama de *lead* clássico “[...] a) não se começa pelo verbo; b) começa-se pelo sintagma nominal ou circunstancial mais importante” (LAGE, 2005, p. 31). O autor está preocupado com a estrutura textual interna, como um bom linguista.

Seguindo uma redação fluida e com poucas referências, o autor associa sempre a escolha ao mais importante ou interessante, sempre com o “ou”. “Importante” e “interessante” dizem respeito a valor-notícia. O termo “importante” aparece em várias definições de pirâmide invertida, estudos de noticiabilidade, macro-valor-notícia e se avizinha à noção de relevância, embora esta apareça frequentemente definida apenas como impacto na vida das pessoas. (TRAQUINA, 2005).

O termo “interessante” se aproxima mais da noção de interesse do público, pois aquilo que o público acredita que seja interessante saber. O que se quer dizer aqui é que: seja relativo a público/audiência, seja relativo à relevância, interessante e importante são fatores influentes na ordenação da notícia. Importante salientar que Lage é um dos únicos autores brasileiros a destacar o “interesse” associado à classe social, e não ao conceito de “público” ou “audiência”, como é frequente nos estudos de jornalismo.

Seleção e ordenação constituem elementos fundamentais à construção da notícia. Para fazer operar seleção e ordenação, lança-se mão de valores-notícia. A hierarquização do mais importante para o menos importante inclui um julgamento de valor inscrito no saber compartilhado dentro do campo jornalístico. Consequentemente, valor-notícia funciona como critério à ordenação dos eventos selecionados. Seleção e ordenação ocorrem concomitantes, assim como nomeação.

Considerações finais

Embora Nilson Lage (1998; 2000; 2001; 2002; 2005) defina seleção, ordenação e nomeação como fases, sua explicação teórica está baseada na ideia de elementos fundamentais da produção da notícia. A análise, situada historicamente no jornalismo industrial do modernismo, discute a lógica do ato de noticiar. Com isso, atravessa mídias.

No jornalismo pós-industrial, a palavra nomeada pode ser uma *hashtag* ou parte de uma guerra de narrativas. Há outra ordem de circulação (COULDRY; HEPP, 2017) e (re)circulação (BAUMAN, 2001; ZAGO, 2011), porém de fenômeno similar de embates sociais travados pela nomeação formatada no campo jornalístico. A quantidade de informação em alta velocidade (ROSA, 2003) torna ainda mais tensa a seleção, já que mais fatos, eventos, fenômenos, orbitam no evento-foco. A seleção está hoje dentro do que se chama de curadoria (CORRÊA; RAPOSO, 2017) de conteúdo. Ao mesmo tempo, a miniaturização dos dispositivos impõe limites espaciais que justificam ainda mais a ordenação para além da lógica da noticiabilidade.

Por fim, é esta lógica da noticiabilidade, independentemente da mídia, que confirma seleção, ordenação (hierarquização) e nomeação como fundamentos da produção da notícia. Os fatores de noticiabilidade em estabilidade na comunidade de sentido dos jornalistas, tanto os fatores intrínsecos como os extrínsecos, orientam e influenciam a construção discursiva, na qual atuam as práticas de nomear, selecionar e ordenar o selecionado.

Referências

ANDERSON, Chris W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, ano 2, p. 30-89, abr./jun. 2013.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BRADSHAW, Paul. A model for the 21st century newsroom: pt1 – the news diamond. **Online Journalism Blog**, 2007. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt-1-the-news-diamond/>. Acesso em: 01 fev. 2022

CANAVILHAS, João. From the inverted pyramid to the tumbled pyramid. **Online Journalism Blog**, 2007. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2007/10/19/from-the-inverted-pyramid-to-the-tumbled-pyramid-joao-canavilhas/>. Acesso em: 10 mar. 2022

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Bocc, UBI: Covilhã, 2006.

COLDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. Cambridge (UK), Polity Press, 2017.

CORRÊA, Elizabeth S.; RAPOSO, João F. Curadoria de conteúdo na comunicação contemporânea: muito além do CTRL + C e CTRL + V. XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp). **Anais...**, São Paulo, 2017.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

ENTMAN, Régis. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FIGARO, Roseli. **As relações da comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA – USP, 2018.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari H. A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação da crise do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”, Lisboa: Veja, 1999, p. 61-73.

GENRO FILHO, Adélmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**. Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GUERRA, Josenildo L.; FEITOZA, Liliane N. S. Relevância jornalística: conceito, fundamentos e aplicação. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 2, p. 401-419, 2020.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What's news? Galtung and Ruge revisited (again). **Journalism Studies**, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2016.

- ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LAGE, Nilson. **Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7 Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 Ed. Florianópolis: Insular UFSC, 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 17 Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LASWELL, Harold D. **The structure and function of communication in society**. University of Illinois Press: Urbana, 1948.
- MAROCCO, Beatriz. **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. (Orgs.). **Gêneros. Um diálogo entre Comunicação e Linguística**. Florianópolis: Insular, 2013, p. 19-38.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão, 1997.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2009.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, C. (Org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 168-185.

RICH, Carole. **Writing and reporting News: a coaching method**. 8ª ed. Boston, MA: Cengage Learning, 2016.

RODRIGUES, Adriano. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.), **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999, p. 27-33.

ROSA, Hartmut. Social acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society. **Constellations**, v. 10, n 1, p.3-33, 2003.

SANTANA, Eder. L. **A nomeação como fundamento do jornalismo**. 2021. 477 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SCANLAN, Chip. Birth of the inverted pyramid: a child of technology, commerce and history. **Poynter**, 20 de junho, 2003. Disponível em: www.poynter.org/reporting-editing/2003/birth-of-the-inverted-pyramid-a-child-of-technology-commerce-and-history/. Acesso em: 7 mar. 2022

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom, 2009.

SEIXAS, Lia; TOURINHO, Ieda; GUEDES, Mariana. Os gêneros jornalísticos do tablet e a força do costume cultural do dispositivo. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**, São Paulo, 2014.

SEIXAS, Lia. Valores notícia: uma proposta de análise. **Revista Observatório**, v. 4, p. 334-366, 2018.

SERRES, Michel. **A Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade. problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 51-69.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. **Entre senso comum e ciência: o conhecimento híbrido do jornalismo**. Ciências & Cognição, v. 10, 2007.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

ZAGO, Gabriela. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação.** 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.